

TARSILO DO AMARAL | FASE PAU-BRASIL

Depois disso ela entra na conhecida como fase Pau Brasil, inspirada pelo que vê nas viagens que faz pelo Brasil, passando pelas cidades históricas de Minas e pelo Rio de Janeiro. Uma fase que vai de 1924 até 1928.

Sabe aquelas influências cubistas, geometrizar das estâncias em Paris? A elas se unem as cores e os temas do interior do Brasil. Como em “Morro da Favela”.



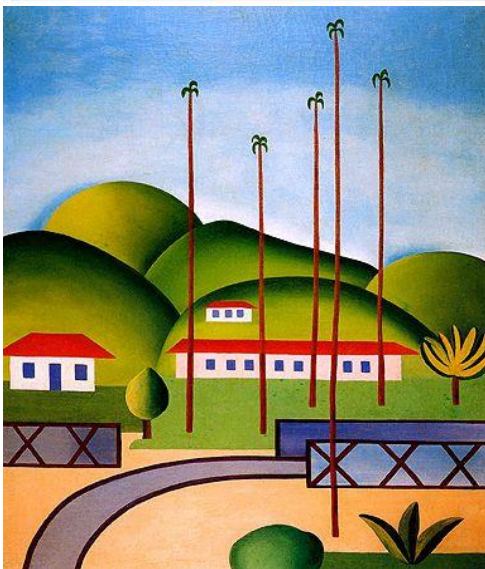
Em muitas destas viagens, ela estava acompanhada pelo **Grupo dos Cinco**, formado por ela, Anita Malfatti, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Menotti Del Picchia.

A artista pretendia **reduzir ao máximo as formas e sobre as cores desta fase ela escreveu:**

“Encontrei em Minas as cores que adorava em criança. Ensinaram-me depois que eram feias e caipiras... Vinguei-me da opressão, passando-as para as minhas telas: azul puríssimo, rosa violáceo, amarelo vivo, verde cantante...”

Pintura limpa, sobretudo sem medo dos cânones convencionais. Liberdade e sinceridade, uma certa estilização que a adaptava à época moderna”.

Durante o Carnaval de 1924 ela está no RJ quando em Madureira se encontra uma réplica da Torre Eiffel de Paris. Antes de saber disso, para mim **“Carnaval em Madureira”** era a perfeita união daquele momento entre todas suas influências. Mas que nada, olha a foto em que se vê a réplica □



Na obra **“Palmeiras”**, a gente vê casas, montanhas, palmeiras, mas para mim é uma alegoria da solidão, de uma dura e melancólica solidão.

Muitos críticos acreditam que esta obra já estaria no limite do que se vai conhecer como fase antropofágica, talvez por este caráter alegórico, metafísico.

TARSILO DO AMARAL | ANTROPOFAGIA

Em 1928 inicia sua fase antropofágica, que se estende até 1930. E na verdade, tudo começa quando dá de presente de aniversário a seu marido, Oswald de Andrade uma tela. Que era simplesmente o “Abaporu”, que acabou virando símbolo do movimento antropofágico.

O manifesto pregava que o artista brasileiro deveria se alimentar das ideias vindas de fora do país, aproveitar aquilo que julgasse interessante e jogar fora o o resto, tal qual faziam os índios antropófagos naquele Brasil primitivo.

Tarsila falando sobre o Abaporu:

“Eu queria criar uma imagem que assustasse Oswald, algo realmente fora do comum. O Abaporu era aquela figura monstruosa, a cabecinha, o pequeno braço magro apoiado por um cotovelo, aquelas enormes pernas compridas e, ao lado, um cacto que parecia um sol, como se fosse uma flor e o sol ao mesmo tempo. Então, quando viu a foto, Oswald ficou extremamente surpreso e perguntou: Mas o que é isso? Que coisa extraordinária!”



“O Lago” tem ares surrealistas. Mas um surrealismo tarsiliano, em que a flora parece um bicho, esta pintura é uma fantasia. Algo que só existia na cabeça da artista. A fantasia vai ser uma característica forte nas telas da fase

antropofágica.



“**Antropofagia**” é genial, porque funde duas pinturas anteriores 😊 A Negra e o Abaporu.



“**Sol Poente**” é de 1929, mas parece antecipar o que viria a ser a explosão de cores da década de 1970. Foi realizada a partir de uma foto de sua fazenda na região de Itupeva, no interior de São Paulo.

Tarsila fala sobre esta obra:

“Falar com Deus era para mim esse quadro: eu sentada, do terreiro olhando esse tronco que tinha na fazenda, a cor do sol cobrindo tudo, e eu chorando, menina, pedindo perdão por meus pecados.”



“Composição. Figura Só” emociona. Difícil tirar os olhos desta pintura, em que a economia de recursos faz com que a mensagem seja ainda mais potente.

Foi uma época dura para artista. O Crack da bolsa de New York em 1929, havia praticamente levado sua família a falência. E se isso não bastasse, é abandonada por Oswald de Andrade, que cai de amores pela Pagu. **Apenas pintou esse quadro em 1930.**



TARSILA DO AMARAL | FASE SOCIAL

Na década de 1930 realiza uma exposição em Moscou para onde viaja com seu companheiro marxista. O que vê e seu entorno mais próximo, convergem seu olhar para as questões sócio-políticas.

Neste momento pinta Operários, seu quadro de maior tamanho.

“Eu me inspirei em São Paulo, na sociedade industrial. Eu fiz tudo baseado em fotografias e na memória visual de certas pessoas que eu conhecia.”

